

O Mundo Natural Asiático nos *Ragionamenti* de Francesco Carletti (1594-1606)

ELISABETTA COLLA*

O CONTEXTO

A entrada dos Turcos em Constantinopla, a partir de 1453, significou um ponto de viragem na história europeia¹. Os europeus, por um lado, desenvolveram de forma notável os processos comerciais na Idade Média, mas, por outro, não conseguiram atingir níveis de agressividade no campo político-estratégico e militar, situação que favoreceu as constantes incursões muçulmanas e sarracenas, dos vikings e dos húngaros, gerando um clima de constante instabilidade que nem as cruzadas conduzidas com sucesso conseguiram parar. A necessidade de abrir novos caminhos para alcançar o espaço económico e comercial das especiarias, bloqueado pelos muçulmanos, foi uma motivação suficiente para abrir a “Era de Vasco da Gama”. Os descobrimentos foram protagonizados inicialmente por portugueses e espanhóis, que, “arando mares desconhecidos”, traçaram uma teia de rotas, incentivando todo um tipo de movimento de navios, transportes terrestres, deslocações de pessoas e de mercadoria numa escala progressivamente mundializante. Este processo transformou os homens, as actividades económicas e produtivas, desencadeando

uma gradual e inevitável alteração dos equilíbrios sociais: apareceram vários grupos que, na configuração do espaço mundial, estavam interligados num processo de trocas, económicas, sociais, culturais, etc.

Ao longo do processo histórico, económico, político e social envolvente do espaço geográfico dos descobrimentos, os europeus entraram em contacto com várias e diferentes populações, desde os povos das Américas e África, até civilizações extremamente desenvolvidas como aquelas da Ásia. Se é verdade que Vasco da Gama ia à procura de “cristãos e especiarias”, num balanço global a experiência iniciada com a expansão ibérica foi, parafraseando Boxer, essencialmente uma aventura comercial. “Os Descobrimientos são a gesta que faz evolver da longa depressão à expansão à escala do orbe, inaugurando a biografia moderna do capital (Marx) e, pelo comércio, circulando pela teia que constrói a rede mundial de rotas, desencrava civilizações, sociedades, grupos e os põe em contacto e num sistema de trocas”². Os efeitos secundários dos Descobrimientos não se distribuíram justamente neste espaço, nem tiveram o mesmo impacto nas várias sociedades envolvidas, sendo que encontraram diversas culturas e economias ao longo dum percurso heterogéneo. Se o movimento foi globalizante, as realidades que o caracterizaram foram únicas.

A realidade que Francesco Carletti nos apresenta é globalizante, no sentido geográfico do termo, e é única por ser descrita numa altura histórica de grande significado, entre dois séculos (XVI e XVII). O final de Quinhentos constitui um período inovador. De

* Licenciada em Línguas e Literaturas Estrangeiras Orientais pela Universidade Ca' Foscari (Veneza) e diplomada em língua chinesa pela Faculdade de Línguas da Universidade de Pequim, concluiu recentemente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto o mestrado em Estudos Asiáticos.

Graduate in Oriental Languages and Literature from Ca' Foscari University (Venice); diploma in Chinese from Beijing University Faculty of Languages. Recently completed an MA in Asian Studies in Oporto University's Faculty of Arts.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II



EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

grandes transformações no âmbito agrícola, comercial e, conseqüentemente, social e cultural. A imagem do mundo altera-se constantemente, os homens mudam ao olhar para ele, criando novas imagens, sempre mais perto do real e do fantástico; cada vez mais se substitui por modelos científicos onde o espaço imaginado se aproxima gradualmente do espaço real. O ver é sempre mais apurado, sempre mais científico e matemático. O processo da viagem, como multiplicação da experiência humana no espaço geográfico, muitas vezes mitificado, enriquece o contacto com o outro e com a paisagem outra, com civilizações outras, com hábitos alimentares outros e cria uma evolução psicológica interior fundamental nestas mudanças globais quinhentistas, onde se insere o global particular de Carletti. Aquele processo que leva o autor a substituir, em harmonia com o progresso da viagem, o seu próprio imaginário simbólico pelo real objectivo.

Nesse contexto europeu de expansão, Carletti é o representante duma maioria de mercadores activos que participam nos bastidores³: o “modelo italiano”⁴. Braudel sistematiza o que foi a propulsão italiana⁵ nesta aventura comercial. Começando pela língua italiana (onde o vulgar toscano era considerado língua franca), os mercadores italianos, a mobilidade dos italianos, as influências e as aventuras que tiveram origem em Itália. Estruturas que nos levam a afirmar, com Braudel, que o espaço renascentista italiano transborda, por necessidade e curiosidade, dos limites geográficos da própria Península e se expande no espaço mundial, onde os italianos se deslocaram e escreveram a própria história particular. O que nos leva a lançar uma provocação: Vasco da Gama não descobriu a Índia, descobriu um caminho inteiramente marítimo a para atingir. Os espanhóis abriram o caminho para o Novo Mundo, porém quem descobriu a América foi Amerigo Vespucci com Colombo (supostamente italiano). “A história da Itália acabará por ser toda a história do ‘Ocidente’, tomada na globalidade das suas relações, das suas heranças, dos seus adquiridos, isto é uma participação numa riqueza comum que todos dão, todos recebem”⁶; neste contexto o Renascimento seria, portanto, o resultado duma construção colectiva europeia, onde Itália afirma a sua diferença. Os italianos

disseminados, agrupados em colónias⁷ no mundo, são mercadores e padres. Há uma clara transposição da conjuntura económica europeia para a conjuntura particular de uma cidade, Florença, e de um particular, Francesco Carletti.

Um número relativamente alto de mercadores italianos frequentou as terras descobertas pelas coroas de Portugal e de Castela. A época iniciada com a viagem em torno de África por Vasco da Gama e a descoberta do Novo Mundo por Cristóvão Colombo abriu novas possibilidades de comércio por via marítima, eliminando toda uma série de condicionalismos de carácter diplomático e económico, ao mesmo tempo que se criavam novos. Até à época dos Descobrimentos, o protótipo do viajante e mercador italiano foi sem dúvida nenhuma Marco Pólo, porém ainda ligado a um espaço geográfico fantástico, em que fronteira entre o real e o imaginário era extremamente subtil. Outros seguiram o nosso mercador medieval, revelando sempre maior precisão do mundo que iam visitando por razões comerciais e eliminando cada vez mais esta linha invisível de demarcação.

Enquanto as dimensões dos circuitos financeiros e comerciais “europeus” se foram delineando, transparecem nas obras dos mercadores italianos os condicionalismos políticos, diplomáticos e económicos ao lado de descrições de pessoas, experiências de viagens que, graças à divulgação que tiveram, conseguiram influenciar a opinião “pública europeia” e estimular uma aproximação sempre maior e sempre mais concreta das diferentes regiões do mundo. Na constelação variada de agentes de comércio italiano que frequentavam os espaços económicos da época dos Descobrimentos temos os venezianos que monopolizaram o comércio com a Ásia Oriental, os genoveses que continuavam a defender a rota atlântica e os toscanos que, através da Península Ibérica, entraram de forma neutral nos vários mercados da “economia mundo”. A importância dos relatos que nos deixaram os mercadores acabou por consagrar esta classe como o principal grupo de divulgadores objectivos da acção ibérica na época dos Descobrimentos. Não estando vinculados a um projecto de conquista ou de dominação, oferecem uma visão imparcial da presença “europeia” nas Índias Ocidentais e Orientais, deixando-nos fontes muito importantes para a compreensão dos mecanismos burocráticos, mas também testemunhos do ambiente etnográfico, zoológico e biológico da época.

O fruto e a folha do jameiro. Aguarela da autora com base na ilustração apresentada por Manuel Godinho de Erédia in *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*.

pur argento, il quale si presta con pesaro et insieme
si annouera, et nel contare come s'ama a dieci
e che si vuol dire undeci si fa così + che vuole
dire dieci, et uno e sequitando sino a decasue.
Si farebbe così + + + + + che l'ultimo vuol
dire dieci e più none, hora a voler dire uenti
dicono due decine mettendo due segni di sopra così
+ + et di sotto il dieci, et così contando in fine a no-
uanta con dire noue decine e il cento + così
ma ragionando direbbono dieci decine et uolendo
dire mille dicono dieci centinaia con questo
segni + et il dieci mila con questo + con tutti
li quali si può contare senza altri caratteri in
infinito moltiplicando di dieci in dieci qual
si uoglia numero come se fossero duecento mila
si dirà dieci volte dieci mila così + il dieci di
sopra et di sotto il dieci mila e dicendo un milione
+ così cento volte dieci mila, comprando, et
uendendo ogni cosa a peso sino alle galline
uive, alle quali perche habbino buoni, ma fatto
per, li danno a margrave della Rea ammassata
intorta con crusca o altro, et al Re se li troua
loro nel uentre, spene uolte, delle pietre mense
aposta per la medesima causa, et facilmente curano

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

Em termos gerais, os italianos que, como Carletti, foram para a Índia e para o Novo Mundo no século XVI já não tinham a preocupação de “descobrir” novas terras, de converter almas ou de relatar visões inéditas sobre terras incógnitas. A viagem do mercador era motivada por razões mais pragmáticas, ligadas ao comércio e ao lucro. Como se vê, por exemplo, no fólho 116 do Códice 1331⁸, onde se descreve com muito cuidado o sistema numérico chinês.

Muitos deles produziram uma literatura de viagem, única pelo estilo e conteúdo, percursora por vezes duma prosa que, definida científica com Galileu, antecipa uma evolução estilística típica do século XVII.

Leonardo Olschki, embora analisando as obras de Marco Pólo e de Colombo, transmite-nos o conceito universal “que a descoberta acontece no momento em que a consciência transforma em pensamento e em palavras o que é visto”; sendo assim, considera importante examinar quais os aspectos naturais e humanos que atraem a atenção dos mercadores viajantes⁹. Este binómio mercador/viajante, nesta e em outras épocas, parece indissolúvel, a tal ponto que poderia constituir uma única categoria. Todavia, neste contexto estamos interessados na especificidade do grupo que pode ser definido como o “mercador-viajante-narrador”, para identificar a sua forma de expressar, observar, situar e apresentar as terras descobertas e exploradas, ajudando-nos a compreender o efeito que essas narrativas tiveram sobre o imaginário e sobre as empresas de outros homens que os seguiram.

Aquela “representação da realidade”, que é diferente da segunda categoria de viajante-narrador, aquela característica que nos permite relacionar um autor a um tipo específico de texto, e não ao objecto que descreve, que é sempre o mesmo. Segundo Greenblatt¹⁰, o estilo que liga o descoberto aos “representantes munidos de representação” torna-se no intermediário entre os descobridores e os leitores/ouvintes. O que nos leva a acreditar que este tipo de testemunho, mais que qualquer outro, é um processo *a posteriori*, baseado numa grelha onde se efectua o cruzamento de dados históricos¹¹ com o objectivo de chegar o mais próximo possível da representação verídica e objectiva da realidade.

No caso do nosso mercador florentino, a viagem está indissolúvelmente ligada ao apelo constante da sua experiência pessoal, que Carletti evidencia utilizando expressões e construções frásicas como

“... *raccontandola non sarà creduto e pure è verissimo; e supposto che questi miei ragionamenti non hanno a essere d'altro, se non di quelle cose che ho fatte e viste, credamisi dunque che la cosa è verissima...*” [fl. 19]¹²

que sanciona o texto e enfatiza a autoridade do testemunho visual, visando ao mesmo tempo fazer um paralelismo¹³ com as existências do mundo europeu e a compreensão da origem. A viagem de Francesco Carletti concede autoridade aos seus *Ragionamenti*, neste constante atrair a atenção do ouvinte/leitor, na insistência de que o descrito corresponde à verdade: “É verdade...”, “Sendo coisa verdadeira...”, “corresponde à verdade...”. Uma experiência directa que Ludovico de Varthema, citado por Ramusio no seu itinerário através do Médio e Extremo Oriente¹⁴, “... não havendo ânimo para o estudo ou conjecturas [...] decidi, em pessoa e com os próprios olhos tratar de conhecer os sítios das localidades, as qualidades das pessoas, a diversidade dos animais, a variedade das árvores frutíferas e odoríferas do Egipto, da Síria e da Arábia Deserta e Feliz, da Pérsia, da Índia, da Etiópia, sempre me recordando ser de maior estima um testemunho visual do que dez de ouvir dizer”.

Aquela visão que Fernand Braudel considera como o sentido mais importante para os homens que viviam na Europa do Quinhentos¹⁵: muitos tinham o desejo de “ver” o que já tinham “ouvido dizer”.

Francesco Carletti segue à risca esta orientação, revelando e anotando com cuidado os traços específicos das maneiras de fazer e de pensar de cada região, reproduzindo fielmente as práticas sociais, produtos comercializados, o engenho e a cultura, segundo uma lógica cronológica progressiva, dividindo a obra em dois espaços geográficos fundamentais (Índias Ocidentais e Índias Orientais), cuja linha de demarcação foi definida pelo Tratado de Tordesilhas¹⁶, e dezoito espaços de vivência pessoal, divididos segundo uma lógica de oportunidades comerciais (e não geográficas), determinando uma ligação subjectiva das diversas partes do mundo que visitou.

Francesco Carletti não foi o primeiro mercador italiano a dar a volta ao mundo, porém é o primeiro que o faz a título particular. Foi, sem dúvida, o primeiro

Fólho 116 do Códice 1331, onde se descreve o sistema numérico chinês (Biblioteca Angelica, Roma).

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

mercador a dar a volta ao mundo numa missão não oficial, enquadrado numa aventura privada e não planeada. Julga-se que não saiu de Florença para Sevilha e daí para diante com o real objectivo de circum-navegar o mundo então conhecido, mas simplesmente (ou era este o propósito evidente do pai, Antonio) para fazer fortuna no mundo descoberto por espanhóis e portugueses. Como Stefania Pineider afirma, Carletti aproveita as carreiras das Índias “com objectivos privados, calculando de cada vez a sucessão das escalas segundo uma estimativa dos lucros”¹⁷. O objectivo da família Carletti é claro e, sendo mercadora, não podia ser outro: ganhar dinheiro. O que aconteceu, porém, foi um fenómeno muito estranho, que me leva a pensar que Francesco Carletti, no fim, não teve grande sucesso como mercador e que, se tivesse tido outra educação, provavelmente teria tido grande divulgação como literato. Dos *Ragionamenti* Francesco Carletti emerge como uma personagem rigorosa, observadora, antropólogo *ante literam* e homem essencialmente sensível: no Segunda Relação do Primeiro Discurso declara que o comércio de escravos ‘mouros’ “*mi causa una certa tristezza e confusione di coscienza, perché veritieramente, Serenissimo Signore, questo mi parve sempre un traffico inumano et indegno della professione et pietà Cristiana*” [fl. 10]¹⁸.

A VIDA

Quem era Francesco Carletti? As referências bibliográficas estão concentradas nestes trabalhos fundamentais: a obra de Domenico Maria Manni¹⁹, publicada no *Opuscoli dell'Abate Calogera*²⁰ e, no princípio do século XX, as obras de Gemma Sgrilli (*Francesco Carletti. Mercante e viaggiatore fiorentino 1573-1636* e *Francesco Carletti. Notizie biografiche. Bibliografia*, que aparece também resumida no *Bollettino della R. Società Geografica Italiana*²¹). Posteriormente, a obra de Sgrilli foi recenseada por G. Mondani em “Francesco Carletti, mercante e viaggiatore fiorentino 1573-1636”, artigo publicado na *Rivista Geografica Italiana*. Vários outros autores, como Amat di S. Filippo²², tentaram percorrer os caminhos traçados por Manni e por Sgrilli, porém nada acrescentando de relevante.

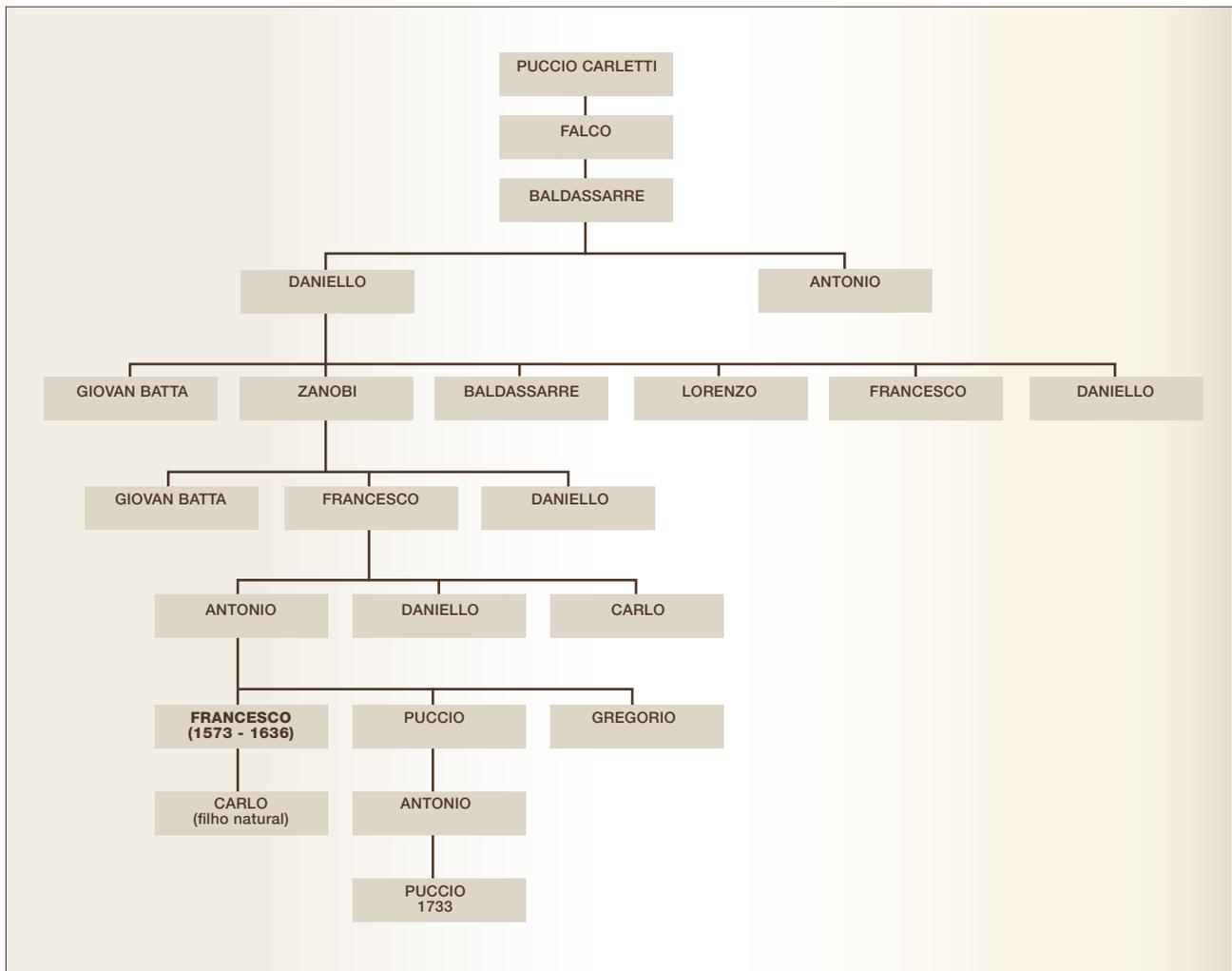
Muito foi já escrito acerca de Carletti, no entanto, permanecem algumas zonas de sombra, onde até hoje ninguém ainda conseguiu fazer luz. A

data de nascimento é uma destas dúvidas: 1573 ou 1574? Dúvida que nasce duma declaração do próprio Francesco Carletti no Primeira Relação das Índias Ocidentais: “*E cominciando dico, Serenissimo Principe, che nell'anni di nostra Redentione 1591, alli 20 di maggio, essend'io di età d'anni 18...*” [fl. 2v.]²³. Sabemos que pertencia à terceira geração²⁴ duma família de enraizadas origens mercantis e que quatro dos seus familiares exerciam cargos de prior no governo comunal. “Não era homem de letras”, escreve Sgrilli, “e não participou na vida pública, embora tivesse sido chamado à corte dos Medici como conselheiro:”²⁵ em consequência é muito fácil entender como bem poucas pessoas pudessem lembrar-se de se ocupar dele [...] é necessário por isso termos presente que até agora, além do que ele próprio afirmou, pouco mais podemos saber”²⁶. Por esta razão, a sua bibliografia apresenta muitas lacunas que se tentam preencher com meras suposições e deduções lógicas, tentando comprová-las através duma série de documentos avulsos que Sgrilli sistematizou na sua obra. Um século depois da sua morte, Domenico Maria Manni foi o primeiro a recolher o maior número possível de dados acerca do mercador²⁷, constituindo desde o século XVIII a única fonte fidedigna, embora com pequenas imprecisões, onde directa ou indirectamente se basearam aqueles que se interessaram pelo mercador florentino.

Os Carletti são de origem florentina, embora haja indicações de que os antepassados seriam originários de Terranuova, Arezzo. Eram todos mercadores e pertenciam à *Arte di Por Santa Maria*²⁸, o que nos leva a especular que Francesco Carletti, não tendo sido destinado a padre, só podia tornar-se comerciante. O primeiro registo sobre a família Carletti remonta a 1247, quando um tal Bardo Carletti aparece inscrito naquela guilda. Em 1351, 1354 e 1357 Puccio foi prior do bairro de Santa Maria Novella²⁹; em 1379, Brancazio di Puccio ocupou o mesmo cargo e terá sido através deste ofício que a família ascendeu à nobreza, tradição continuada pelo irmão de Francesco Carletti (júnior), Puccio Antonio di Puccio, frade no convento de Santa Maria Novella com o nome de Fr. Giuseppe Giacinto e que morreu em Viterbo em 1733, já octogenário³⁰.

Os vários membros da família mais chegada de Francesco Carletti constam nos livros de cadastros do quarteirão de Gonfalone Chiave (ou de S. Giovanni)³¹ e os dados estão registados nas *Provanze di Nobiltà* do

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II



A família Carletti, segundo os dados de Domenico Maria Manni e Gemma Sigrilli.

Arquivo Stefaniano³², onde encontramos rastros dum cavaleiro, Vincenzo di Giovanni Borgherini, com uma Carletti como antepassada pelo lado paterno. Este, a 26 de Setembro de 1637³³, para aceder à Ordem de Santo Stefano³⁴, teve que provar a suas origens nobres e, ao fazê-lo, deixou-nos indicado que “*Vincenzo di Giovanni [...] esistono l’armi delle tre famiglie de’ Borgherini, Carletti, Morelli*”³⁵. Porém, para nos aproximarmos do nosso viajante florentino é suficiente concentrarmo-nos na figura de Mário (?) Zanobi, nascido a 30 de Janeiro de 1467, descendente de Daniello di Baldassarre Carletti, que no dia 27 de Janeiro de 1503 foi pai dum Francesco, também mercador, que viveu em Nápoles e que casou com Alessandra di Bartolommeo Angelieri de quem teve vários filhos³⁶, entre eles Antonio, pai do nosso mercador. Francesco (sénior) morreu a 26 de Maio de

1576, pouco depois do nascimento do nosso Francesco Carletti.

Antonio Carletti nasceu a 30 de Setembro de 1541. Mercador inscrito na *Arte della seta degli Antinori*³⁷, como os seus antepassados, afastou-se de Florença e foi para Espanha e Portugal, regressando só em Dezembro de 1582, como sugere Manni³⁸ e como nos confirmam duas cartas enviadas de Lisboa por Filippo Sassetti, uma a Francesco Valori e outra a Baccio Valori, respectivamente a 13 e a 27 daquele mês. Estes documentos provam que Antonio Carletti saiu de Lisboa naquela altura. Casou com Lucrezia di Giovanni Macinghi e tiveram vários filhos, entre eles o nosso Francesco.

Faltam indicações precisas sobre o local do seu nascimento, na cidade de Florença ou arredores, e por

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

pertencer a uma família de aventureiros itinerantes, viu-se deslocado entre França, Áustria e Holanda, tendo trabalhado como consultor comercial na corte de Ferdinando I, duque da Toscana³⁹.

Da sua educação sabe-se muito pouco. Era católico (o que não era invulgar à época) e imaginamos ter recebido uma instrução semelhante à que receberam os seus coetâneos com a mesma origem, caracterizada por ser, tal como é definida por Pierre Jeannin, “a aprendizagem dos mercadores”, ou “o estilo e trem da mercadoria”⁴⁰. Pode-se afirmar, sem dúvida, que se terá destacado dos outros homens de negócios da altura em termos de sensibilidade e curiosidade, juntando-se àquela categoria de narradores que foram definidos, já na nossa época, como “mercadores-viajantes”. Não tendo sido um dos primeiros a estar envolvido numa aventura destas proporções, respirou um ambiente mirabolante de mundos fantásticos e de histórias vindas de novos hemisférios, o que levou alguns estudiosos a duvidar da palavra do florentino, tentando encontrar analogias com obras anteriores. Posições facilmente descartadas graças ao inconfundível estilo pragmático do narrador florentino e à característica histórico-científica do texto. Muitas das precisões sugerem que o texto passou por duas fases complementares: redacção e revisão. Nesta última, Carletti poderá ter recorrido a outros autores como José de Acosta, Antonio de Morga ou ainda Matteo Ricci, elementos evidenciados por G. Sgrilli, mas também pela obra de F. Perujo⁴¹. Em muitos casos, porém, as descrições são mais ricas do que as daqueles autores. Pela leitura dos *Ragionamenti* é evidente que não terá recebido uma educação literária, pois o estilo que transparece das suas páginas é invulgar na sua época. É uma escrita revolucionária, não contaminada por regras e modas precisas: apresenta-se sem uma matriz literária específica, o que o tornou um involuntário precursor duma forma literária mais próxima duma prosa científica, por um lado, e iluminada, por outro.

A 20 de Maio de 1591, com 18 anos, Francesco sai, por terra, de Livorno (Itália) em direcção a Espanha (Alicante e depois Sevilha), ao serviço de Niccoló Parenti (provavelmente envolvido em trabalhos pesados)⁴², para aprender a actividade. Embora se saiba que Francesco já tinha alguma experiência, pela vivência em embarcações locais (no Mediterrâneo) com tripulações cosmopolitas, Antonio, mercador muito experimentado⁴³, não tolerando nenhuma ligeireza e tendo consciência que

o filho não estava suficientemente preparado para esta aventura e, sobretudo, tendo bem presente as complicações que poderia enfrentar nos labirintos da burocracia colonial luso-espanhola, decidiu acompanhá-lo. E, como testemunha Domenico M. Manni:

*“Ma siccome lo scopo principale del nostro ragionare sí è la persona dell’altro figliuol suo Francesco piú di lui Viaggiatore, si vuol qui dire, credersi, ch’ei nascesse in Firenze l’an. 1574 e che quivi educato fosse, qualmente la civiltá richiedeva de’ suoi natali: tantoché divenuto giovane di ben diciott’anni, dietro l’esempio d’Antonio, e mandato da lui, prese per Ispana il cammino, in compagnia, ed in servizio di Nicoló Parenti Mercante di questa Patria, lasciando Firenze ne’ 20. di Maggio del 1591. ed a Siviglia indirizzandosi, affine di far progressi nella mercatura. Dopo poi, non diró a una dimora, ma a un continuo veleggiare di due anni, s’imbarcò nel 1593. insieme collo stesso suo Padre, colà anch’egli giunto, prendendo vela verso l’Indie Orientali con procacciare assiduamente ventura”*⁴⁴.

Três anos depois, a 8 de Janeiro de 1594, velejaram do porto andaluz de San Lucar de Barrameda em direcção as Índias Ocidentais. A viagem com o pai começa neste momento e acompanha cronologicamente 15 anos de vida do autor. Francesco, como explica na sua obra, fingiu ser agente de comércio de Dona Menzia de Medina, uma sevilhana casada com Cesare Baroncini, toscano de Pisa⁴⁵. Também dos *Ragionamenti* ressalta que o objectivo dos Carletti era o comércio de escravos “mouros”, garantido com documentos falsos, que iam adquirir em Cabo Verde⁴⁶ (San Lucar de Barrameda/cabo Branco, via Canárias/Santiago).

A 19 de Abril de 1594 deixam Cabo Verde e, atravessando o Atlântico, chegam à Colômbia: Santiago/Cartagena, via Antilhas, até 12 Agosto 1594/Nombre de Dios/Casa de Cruces/Panamá, onde ficam de Setembro de 1594 até à primeira quinzena de Novembro, quando da Colômbia viajam para o Peru (Panamá/Santa/Paita/Lima). Decidem ainda nesse ano subir até ao México, onde chegam no ano seguinte (Lima/Gaura/S. Elena/Sansonat/Acapulco (Junho 1595) e, finalmente, cidade do México). O México é uma etapa fundamental da experiência privada dos Carletti, pois Antonio e Francesco mudam de planos:

Algodão. Aquarela da autora com base na ilustração apresentada por Manuel Godinho de Erédia in *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II



OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

decidem passar de mediadores a compradores de mercadorias. Surge-lhes, então, a ideia de prosseguirem a viagem e chegarem à outra parte do mundo na tentativa de obterem maiores lucros. A 25 de Março de 1596 deixam o Novo Mundo (México) e seguem a rota espanhola para as Filipinas. A concretização desta parte da viagem foi adiada o tempo necessário para conseguirem um estratagema que lhes permitisse escapar aos controles espanhóis (apenas podiam chegar às Filipinas os colonos autorizados pela coroa de Castela)⁴⁷. De Junho de 1596 até Maio de 1597 navegam entre Acapulco, Las Velas, Luconia, Cavite antes de atingirem o porto de Manila.

O salto entre as Índias Ocidentais e as Índias Orientais foi feito em Maio de 1597; com sorte conseguiram passar das Filipinas para o Japão (Manila-Nagasáqui). A 3 de Março de 1598, deixam o Japão em direcção à China Ming (Nagasáqui-Macau). A 20 de Julho de 1598, com 57 anos, morre Antonio Carletti, sendo enterrado em Macau na igreja episcopal da cidade:

“E prima piacque a Dio tirare a sé Antonio Carletti mio padre, che stentò quattro mesi continui di male di pietra, che per fine li tolse la vita nell’anno 1598 alli 20 del mese di luglio, avendo prima ricevuto tutti li Sacramenti della Chiesa. Io appresso, fattolo sotterrare con onorevole esequie nella chiesa episcopale di quella città, e pigliato un logo piú su che il mezzo di detta chiesa, dirimpetto all’altare grande dove si dice il Vangelo, copersi quel luogo con una pietra lunga e larca competentemente, nella quali vi feci scolpire il suo nome e patria, età, e morte, acciocché quivi resti quella memoria, per quanto piacerà al tempo di conservarla” [fl. 108]⁴⁸.

Carletti filho encontra Orazio Neretti (e não Filippo Sassetti, como afirma Peragallo)⁴⁹, parente e testamentário de Sassetti (superintendente das primeiras expedições ao Malabar), ficando a trabalhar com os Rovellasco, mercadores envolvidos no comércio da pimenta preta. Foi por causa de Neretti⁵⁰ que Francesco abandonou a colónia portuguesa em Março de 1599 seguindo em direcção da Indonésia (Macau-Malaca). Nesse mesmo ano viaja da Indonésia para a Índia (Malaca/Nicobares, via Samatra/Ceilão/cabo Comorim/Cochim), onde chega em Março de 1599, instalando-se então em Goa, “*metropoli et principale di tutte quelle parti d’Oriente, che posseggono li Portughesi*” [fl. 155].⁵¹

A 25 de Dezembro de 1601 parte da Índia e tenta chegar a Santa Helena, conforme se pode ver na Quinta Relação das Índias Orientais:

“Io mi convenni com il piloto d’essa nave, che aveva passato il Capo di Buona Speranza 18 o 20 volte, et accordai di darli mille seraffini, moneta di Goa che vale giulii sette e mezzo, com patto che dovesse fare le spese per tuto il viaggio, sino ad arrivare in Lisbona, a me e tre mia servitori che menavo, uno di nazione Giaponese, uno Corea et l’altro negro di Mozzanbiche” [fl. 177]⁵².

Porém, as coisas não correm como Carletti esperava. A nau foi assaltada por três ou quatro embarcações “piratas” holandeses⁵³, capitaneadas por Gerardo de Roy⁵⁴. Da *Zelanda* dispararam contra os navios portugueses, obrigando à sua capitulação. Já depois de ter dobrado o cabo de Boa Esperança, nas proximidades da ilha de Santa Helena, a *Santiago*, navio principal⁵⁵ da esquadra mercantil capitaneada por António de Melo de Castro (Portugal) e onde viajava Carletti, dirigiu-se para a ilha para esperar as outras naus provenientes de Cochim, para continuar a viagem até Lisboa (Goa/S. Lourenço ou Madagáscar, via costa da Arábia/Moçambique/Santa Helena). A versão portuguesa dos acontecimentos na ilha de Santa Helena, de Melchior Estácio do Amaral⁵⁶, confirma plenamente esta versão de Carletti. Sobre o mesmo tema podemos também consultar Peloso⁵⁷, que na sua obra põe a tónica sobre os portugueses. A sorte de Carletti foi ser um mercador “neutro”, o que lhe permitiu negociar a sua posição e persuadir o capitão Roy a levá-lo com ele⁵⁸:

“Io l’avrei fatta male, se la fortuna non m’aiutava com farmi avere uno de’ vasi di porcellana pieno di pere confette in Cina [...], il quale vaso mi fec un buon giuoco, et con esse mantenni anche due gentiluomini di titolo, com darne una il giorno per cisacuno in tuto quel tempo nel quale navicammo verso l’isoletta di Ferdinando di Norugnia. Ci arrivammo il Sabbato Santo, ché quell’anno fui l giorno di Pasqua di Ressurezione alli 6 d’Aprile del medesimo anno 1602.” [fl. 189]⁵⁹

Sabemos, sempre através do mesmo relato que, acabado de armar, o navio português, conseguiu a 7 de Maio de 1602 deixar Santa Helena, onde ficaram aqueles *poveri et sgraziati Portughesi* [fl. 191], chegando à cidade de Walcheren (ilha de Middelburg) na Zelândia a 7 de Julho de 1602 (Santa Helena/Fernão de Noronha/Middelburg).

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

A 12 de Setembro de 1602 apresentou queixa aos administradores residentes em Middelburg, na tentativa de obter de volta os bens (seda, diamantes, pérolas, rubis, especiarias, dois escravos, zibetas, porcelanas, etc.) que lhe haviam sido apreendidos por Gerardo de Roy. O Conselho pronunciou-se a 13 de Agosto do ano seguinte, mas só a 21 de Abril de 1605 recebeu a notícia de que tinha que renunciar àqueles bens em troca duma soma de dinheiro nada comparável ao seu real valor e às despesas processuais que tivera de suportar⁶⁰.

A sentença, em flamengo, foi traduzida para italiano pelo autor [fls. 197 e 197v.].

A perda de todos os bens foi muito grave para o mercador florentino, que após 15 anos de aventuras se encontrava muito cansado; só desejava voltar para casa, levando com ele as únicas riquezas que não perdera: as informações⁶¹ sobre o mundo que conhecera e a experiência acumulada ao longo desse processo de evolução geográfica e psicológica, os escravos (um japonês, um coreano e um moçambicano) e um atlas⁶². Nas suas cartas, Van der Neesen⁶³ informa-nos que Carletti, deprimido e doente, permaneceu na Holanda até 1605.

De Brielle, e por ordem de Henrique IV, parte de barco a 1 de Dezembro de 1605 para Le Havre, chegando a 19 a Paris, onde fica algum tempo, concluindo a sua viagem em Dezembro de 1606, quando deixa a França em direcção a Itália (Paris/Lyon/Turim/Milão/Bolonha/Florença):

“e finalmente il giorno di San Giovanni Gualberto alli 12 di luglio del 1606 [arrivai] Firenze, di dove ero partito l'anno 1591; sí come dissi nel principio di questi miei ragionamenti fatti a V.A.S.: dalla quale quel medesimo giorno fui introdotto dal detto Signor Cavalieri Vinta, suo primo secretario di stato, a farli riverenza” [fl. 214]⁶⁴.

Depois desta aventura ficará na corte dos Medici por algum tempo, sem estar, porém, a eles vinculado por qualquer contrato. A 9 de Março de 1615 foi lhe atribuído o cargo de *maestro di casa*, ofício que provavelmente lhe foi retirado mais tarde. Depois de ter redigido testamento em favor do seu filho natural Carlo, morre a 12 de Janeiro de 1635, sendo sepultado em S. Pietro Maggiore. Uma vez mais não temos provas, pois a igreja de S. Pietro Maggiore ruiu em 1783. Só ficaram só as arcadas, não havendo, pois, quaisquer vestígios da lápide de Francesco d'Antonio Carletti.

A biografia do nosso mercador apresenta-se como um reportório de pequenas e grandes desgraças: as doenças, as intempéries, as burocracias que o obrigavam como viajante neutro (nem espanhol, nem português) a ter de baloiçar entre ambas as partes do mundo dividido pelo Tratado de Tordesilhas, mas também ao sabor da evolução histórica (não nos podemos esquecer que viveu entre dois séculos).

O propósito dos *Ragionamenti* carletianos não é ser biográfico, antes simples e pragmáticas anotações dum mercador no seu caderno de viagens: os problemas relacionados com as mercadorias e a viagem propriamente dita, com uma especial e imprescindível atenção ao mundo que o rodeava. O contexto: caras queimadas, terras novas, zoo-geografia pormenorizada, vegetação luxuriante e invulgar; uma descrição etnográfica directa e raramente filtrada através das lentes do apologetico cristão; cheiros e sons; ambientes exóticos refinados. Uma escrita que quer contar o que o mercador florentino realmente viu, utilizando constantemente de forma funcional todos os possíveis paralelismos entre o mundo que conhecia e o mundo que ia descobrindo à medida que prosseguia no seu percurso. Uma progressão num espaço geográfico novo que implicou uma inevitável evolução do seu espaço interior, psicológico.

FRANCESCO CARLETTI E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO

Nos *Ragionamenti* de Carletti a paisagem é caracterizada por povos, animais e plantas, descritos pormenorizadamente. A paisagem do nosso florentino deve ser entendida em *sensu latu*, isto é, como toda a realidade que o nosso mercador vê à medida que prossegue na sua longa viagem. O “ver” de Carletti é fundamental, porque sucessiva e constantemente o repete ao longo da sua narração, para desenhar uma clara linha de demarcação entre a realidade por si vivida e o que lhe fora contado ou lera ou, ainda, o que imaginava. (que Carletti, para distinguir, designa sempre com um “disseram-me que”, para contrapô-lo ao “eu vi”, ou seja, uma síntese de todos os elementos presentes nos locais onde permaneceu e a apreensão que se dá à imagem resultante dela).

No seu vulgar toscano,⁶⁵ Francesco Carletti descreve o cenário de viagem, propondo constantemente um paralelismo entre o mundo que conhecia e aquele

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

que acaba de viver como experiência extraordinária. E, de facto, não há nada melhor como ver: “ver-experimentar”, “ver-testar”, “ver-provar”, etc., o resultado directo da experiência que cria na memória uma imagem indelével do vivido. A paisagem natural que nos apresenta, embora rica, revela uma certa superficialidade, talvez pela incapacidade do nosso autor neste âmbito, e uma clara sequência aparêncial/função,⁶⁶evidente na descrição, não dum vegetal, mas duma secreção animal preciosíssima, o almíscar:

“Il musco, non é vero si faccia nel modo che molti hanno descritto, et io ne portavo la pelle intera di tutto l'animale a V.A., com la sua vesciga, che non é altro che lo stesso ombellico dell'animale che li esce in fuora sollo il corpo, pieno di quella materia odorifera. È quasi di grandezza e forma com'una delle nostre piccole volpe, et aveva la sua vesciga piena di musco, che la natura vi infonde a poco a poco.” [fls. 110v. e 111]⁶⁷

As notícias que Carletti nos fornece acerca de animais e plantas dos vários locais não são simples descrições; sempre que pode, o autor tenta, com as limitações acima referidas, fundir toda uma série de elementos práticos, como as propriedades da planta ou fruta analisada, o seu cultivo e a sua difusão. Por vezes, como acontece na Primeira Relação da segunda parte dos *Ragionamenti* (dedicada ao Japão), dá-nos a impressão de pretender descrever o panorama mais geral do contexto agrícola de cada país:

“Nelle quali isole si potrebbe passare la vita felicemente e con pochissima spesa, e chi quivi è signore di mille scudi stea meglio che non starebbe uno con dieci mila in questi paesi. Et se quella terra fosse coltivata come la nostra d'olivi, de' quali li Padri Gesuiti ve ne hanno introdotti alcuni, e vi fanno bene, e il simile fariano le vite che loro tengono solamente per delitia nelle pergole, sarebbe molto più abbondante” [fls. 84 e 84v.]⁶⁸

Logo se queixa que os Japoneses se dedicam mais às artes da guerra que à agricultura.

Sendo que Francesco Carletti perdeu todos os seus escritos e que nos seus *Ragionamenti* recorre somente, como declara⁶⁹, ao auxílio da sua boa memória, muitos pesquisadores se questionaram sobre se Carletti não terá recorrido a outro textos. Dada a riqueza de pormenores, é evidente que o mercador, ao relatar as suas aventuras, pode ter-se baseado em outros documentos. É muito difícil determinar com

exactidão quais as partes já mencionadas por outros autores, quais o textos utilizados ou onde poderá ter encontrado tantos dados para o auxiliar a sua narrativa. Foi acusado por alguns autores contemporâneos de plágio, acusação que não me parece correcta, pois se em alguns parágrafos parece evidente ter-se inspirado em outros textos, deve-se também reparar que as suas descrições são normalmente muito mais ricas e mais desenvolvidas do que nas outras obras em circulação.

Como mercador que era, é natural que lhe parecessem mais importantes as especiarias, como por exemplo o cravo-da-índia (*Caryophyllus aromaticus* L.)⁷⁰, que descreve na Terceira Relação das Índias Orientais, informando o grão-duque D. Ferdinando de Medici da existência de cinco locais (*Ferrenate, Fidor, Mottin, Machian e Bacchin*)⁷¹ onde se produzia, afirmando ser semelhante ao nosso louro e se dizer só fazer fruto nas Molucas. Assinala também os lugares onde é produzida a preciosa pimenta, discriminando as várias espécies (*D'India, Bianco, nero, betel*) consoante as regiões na ilha de Samatra (Pacém, Pedir, Achém e Indragiri), afirmando que há pimenta importada do país de *Giambi* (Jambi), na costa em frente de Malaca, bem como de Sunda e de outras ilhas e lugares daquela área, onde

“si coltiva abbondantemente la pianta che lo produce, appresso a un albero sopra il quale si vanno aggrappado le piante, come fanno li piselli, se ene queste crescono molto più e com manco di foglie, assai simile a quelle de' fagioli nostrali, ma più tondette, facendo li granelli del pepe attaccati al fusto, quasi racimi d'uva piccola, in dua ordini o filari di granelli i quali sono sempre verdi fino a che sieno bene maturi, il che accade nel mese di gennaio, che diventano neri, se bene ve ne sono d'una sorte ch'è sempre bianco, e questo è molto stimato da questi Indiani. L'una e l'altra sorte, mentre è ancora verde, si condisce nell'aceto com sale et l'usano a mangiare come noi i capperi, per svegliare l'appetito, et fa ancora mirabile effetto di confortare e riscaldare lo stomaco” [fls. 147 e 147v.]⁷².

Outra especiaria citada é a canela (*Cinnamomum zeylanicum*), que abunda em *Seilan* [168]⁷³, ilha conhecida também pelas minas de safiras, rubis e outras pedras preciosas.

Refere igualmente o algodão (*Gossypium herbaceum* L.), de que há várias espécies e variedades, e que há milhares de anos é cultivado no Oriente.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

Falando das feiras que tinham lugar em Cantão e para onde eram levadas as mercadorias da Índia Oriental no mês de Setembro e Outubro e as do Japão entre Abril e Maio, afirma que nelas se comprava

“quantità di tele di bambagia bianca et di colore, con le quali in generale oggi la maggior parte del popolo più basso si veste, et non è 400 anni che il seme di bambagia fu loro portato dall’India” [fl. 112]⁷⁴.

No Terceira Relação fala da noz-moscada (*Myristica moschata* T.) que, afirma, nasce somente nas ilhas de Banda:

“così ancora dall’isola di Banda [...] viene la noce moscata et il macis, che quivi solamente nascono d’un albero che produce questa noce, ricoperta d’una scorza dura come le nostre noce, ma più grossa e di forma più rotonda” [fl. 148]⁷⁵.

Descreve também as madeiras como o aloés,⁷⁶ águila ou calamba (*Aquilaria malaccensis*), utilizadas como perfumes. Descreve ainda a *Caesalpinia brasiliensis* ou *Caesalpinia echinata* Lam., vulgarmente conhecida como pau-brasil, madeira que, como sublinha, é dita *verzino* no Brasil, chamada *suo* pelos japoneses e *sapon* pelos portugueses no Oriente, e que servia para tingir:

“Similmente navicano insino al Regno di Siam e in quello di Patane, nella costa di qua da Malacca, e acnora a Cambogia, di dove recano certo legno come quello che si chiama verzino chel loro chiamano ‘suò’ e li Portoghesi ‘sapon’, il quale serve per tingere...” [fl. 98v.]⁷⁷.

Não esquece também aqueles produtos que lhe suscitam interesse e curiosidade, não pelo valor comercial, mas por serem mais estranhos, como o durião (*Durio zibethinus* L.), grande árvore da família das bombacáceas, com casca espinhosa e com frutos com o mesmo nome, que descreve logo após ter chegado a Malaca:

“Tutti li mercanti et passeggeri che venivano nella nave scesero in terra e tio com gli altri, a ristorarci di buone galline e polastri, che in questa terra l’uno et l’altro sono di squesito sapore; et inoltre di buonissime ediverse frutte, frale quali vi è il ‘durione’, che è prodotto da un grandissimo albero, stimatissimo frutto in questa terra et celebratissimo nelle altre, dove non se ne ritrovano. Il quale al principio, per parermi, sí come pare a tutti la prima volta che se ne mangia, d’odore spiacevole et molto simile a quello delle cipolle, a me non piacque et mi parve cosa da ridere l’averlo sentito prima e til

sentirlo all’ora tanto commendare da quelli che erano usitati a mangiarne; oltre che anche alla vista, per avere la scorza rubida, con certe eminentie come hanno le pine, ma queste sono pungenti non diletano molto né a toccarle né a vederle. Quello che vi era dentro è una sustanzia di cosa liquida et di colore bianco, ma molto delicata al gusto di quelli che prima si sono assuefatti all’odore; al quale essendomi ancora io accostumato, ne mangiai et mi piacevano assai, et mi confermai a dire come dicono gli altri, che non si può gustare cosa semplice e naturale che paia più composta et artifiata di questa frutta, per sentirsi in essa diversi sapori et odori in un medesimo tempo da ciascheduno che ne mangi, perché quello che a me pareva odore di cipolla ad altri pareva un’altra cosa, sí come con l’uso parve a me cosa diversissima e molto grata” [fls. 143v. e 144]⁷⁸.

Menciona também a mangueira (*Mangifera indica* L.), grande árvore frutífera oriunda da Índia, que produz as mangas, a fruta mais indicada, segundo escreve, para tirar a sede e à qual Manuel Godinho de Erédia deu primazia no seu catálogo, por ser com certeza a fruta mais importante na dieta das populações do Sueste Asiático.

Descreve de seguida o ananás (*Bromelia ananas* L.), fruta muito boa graças à terra fértil que tem esta região equatorial da Índia (Malaca):

“... quelle che quivi chiamano ‘ananás’, dette da Castigliani dell’Indie occidentali ‘pignas’, frutta grande como una gran pina, fatta a quella foggia, la quale è prodotta da una pianta come nasce il carciofo, di foglie cresce, dure et molto verdi et piene di spine. Alla quale frutta levata la scorza sottilmente, che ha a somiglianza delle foglie rubida et pungente (non dimeno è tenera et facilmente si monda con un coltello), quello che resta s’affetta per il traverso a ruotoli et è di sapore d’un dolce agretto grandemente delicato; et perché nuoca meno la sua saldezza, lavano prima quei ruotoli nell’acqua fresca, spargendovi di poi sopra un poco di sale, et in questo modo la mangiano con mirabile gusto e meno danno, essendo che mangiandole altrimenti sono atte a generar febri maligne et flussi di sangue, per esser quel sugo caldissimo et corrosivo di tal maniera, che bene spesso se ne vede l’esperienza sopra li coltelli con li quali si talgia dette frutte, che lassativi senza nettare si ritrovano in un subito mangiati dalla ruggine” [fls. 144v. e 145]⁷⁹.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

Uma das descrições mais sensuais e mais belas é dedicada ao jambo (*Syzygium malaccense*):

“frutta própria de paese, che essi chiamano ‘giambos’, se bene oggi ne sono anche in Goa, la quale si puo dire che sai uno scherzo della natura, che voglia contrafare et significare come dovrebbe essere la carnatura d’una donna. È questa frutta d’un colore purpureo misto con un bianco lattato, et di una buccia lustrissima et tanto delicata che più non si puo desiderare; della grandezza come li nostri petonciari et d’ore simile alle rose, talché mangiandole senza latrimenti mondarle quel sugo pare adobbato com l’acqua rosa, di che ne riceve diletto il gusto, che è accompagnato d’un agro et dolce che mai non stucca né vine a nausea, sí bene si durasse tutto un giorno a mangiarne. Et in toccandole vi è ancora on piccolo diletto, perché non si può toccare cosa più delicata né mórbida et in vederla non ci è bianco né rosso insieme misto che maggior diletto apporti alla vista et che più simile sai alla carne del viso d’una bella donna, più tosto lisciata che naturale, sí come sono la maggior parte di quelle del nostro tempo; talché mentre si gusta di questa frutta, gettando via un nocciolo che vi è dentro, si viene a dilettere con essa estremamente in un tempo medesimo quattro de’ nossi sentimenti” [fl. 145v.]⁸⁰.

Menciona ainda a *leccia* (*Litchi chinensis* ou *Nephelium litchi*) ou *lizhi* 中文字, que descreve como sendo do tamanho das cerejas, porém com uma casca áspera e dura como a dos medronhos, de cor encarnada ou verde. Tem um sabor não muito doce, aguado, que refresca. Com ela fazem um vinho muito suave e no meio tem um caroço grande como uma azeitona. Fala também da árvore-triste (*Nyctanthes arbor-tristis* L.), citada no Colóquio VI de Garcia da Orta⁸¹, cujas flores perfumadas, semelhantes ao jasmim, têm a característica de desabrochar à noite e caírem às primeiras horas da manhã:

“v’è un un arbore non troppo robusto né grande, ma frale e quasi simile al sambuco, quanto al colore del suo fusto, ma di fiore molto differente, assomigliandosi all’odore et alla fattezza al gelsomino, eccetto che quel poço di gambetto del fiore che entra nella pianta è di color giallo e serve in luogo di zafferano per dar colore alle vivande; questo fiore, il giorno sta sempre chiuso e riserrato in se stesso e quasi non si vede, ma venendo la sera comincia aprirsi, et innanzi che venga il sole

la mattina per tempo si ritrovano tutti cascati in terra, et perciò l’hanno posto questo nome di fiore triste...” [fl. 176]⁸².

Destas plantas, continua, há muitas no cemitério de Goa, perto da catedral, tendo o mesmo efeito dos ciprestes. Esta descrição é semelhante à duma outra árvore de Macau, que perde todas as folhas e que na mesma altura desabrocha as novas aparentemente escondidas por baixo das outras⁸³. Não se esquece de citar toda uma panóplia de medicamentos e ervas, que fazem a riqueza duma região que ele próprio designa como *oriente australe*, onde passam e se abastecem todas as naus vinda da China, Japão e Molucas em direcção de Goa.

Muitas outras plantas são descritas por Carletti, não sendo possível citá-las a todas. Talvez seja interessante terminar com a descrição que ele nos deixou nas primeiras duas Relações do Segundo Discurso dos *Ragionamenti*, dedicada à planta do *cià* e aos misteriosos vasos que têm a propriedade de poder conservar a folha em óptimas condições por nove, dez ou vinte anos:

“Lo [cià] produce una pianta che nasce quasi come quella del bossolo, salvo che há le foglie tre volte più grandi e tutto l’anno si mantiene verde: e fa il fiore odorifero in forma di rossellini da damasco; delle foglie ne fanno polvere, e poi mescolata con acqua calda, che di continuo tengono sempre al fuoco per simile effetto in una caldaretta di ferro, se la bevono quotidianamente più per modo di medicina che per gusto. È di sapore amarognolo, se bene lava poi la bocca; a chi l’usa, buona e saporosa, e fa bonissimo effetto e giovamento a’ deboli di stomaco per la sua calidezza, aiutando meravigliosamente alla digestione, et è specialmente ottima a levare e impedire i vapori et fumi che ascendono alla testa, e per ciò il suo uso è berne di questo cià, che non s’entra mai in una casa che non vi sia offerito amichevolmente, e per creanza e per costume e per onorare l’ospite, sí come si usa ne’ paesi di Fiandra e Germania l’offerire il vino” [fl. 74v.]⁸⁴. **RC**

Nota da autora: todas as traduções do Códice 1331 são da minha autoria, indicando entre parênteses rectos o respectivo fólio.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

NOTAS

- 1 O termo Europa nasceu na Grécia: personagem mitológica, uma das três mil ninfas oceânicas, filha de Tétis e de Júpiter, que vivia em Creta, berço de todas as culturas clássicas gregas. Etimologicamente, Europa significa “terra do pôr-do-sol”; assim, Europa é “terra onde o Sol se põe”, em antítese com o “sol levante”. Uma origem mitológica que se transformou numa aventura geográfico-simbólica, onde o termo Europa ia englobando sempre mais territórios à medida que a história ia evoluindo. O espaço geográfico europeu identificava-se primeiro com a Grécia e depois com os países à beira do Mediterrâneo, até incluir as terras bálticas. Por volta dos séculos IV-III a. C. a ideia de Europa começa a ter uma consistência geográfica, permanecendo, porém, alguma confusão sobre o espaço que corresponde. Os rios continuam a ser uma válida fronteira: além do Danúbio já não é Europa. Nos séculos II e I a. C. já se conheciam os continentes África, Ásia, Europa. Para definir Europa mais concretamente temos que esperar por Carlos Magno, coroado como chefe da Europa quando se fundou o Sacro Império Romano em 800. As cruzadas cimentam os europeus que ainda não tem uma Europa geográfica; a cristandade, bem como a cultura, representam um núcleo fundamental para a percepção do que é Europa. Os europeus cristãos lutam contra os infiéis e têm várias universidades espalhas por um vasto território, todas com uma matriz cultural comum: a língua latina (Bolonha, Paris, Chartres, Cambridge, Oxford, Salamanca, Nápoles, Praga). São estes elementos que levam à criação duma *koiné* europeia. Frederico Chabod (*Storia dell'idea d'Europa*), marca muito claramente que o conceito de Europa nasce na segunda metade do século XIV quando, com a caída de Constantinopla, se delinea pela primeira vez uma Europa não mitológica, não geográfica, mas em termos políticos. O pontífice Pio II Piccolomini, mais do que outros, sentiu a grande necessidade de unir a cristandade europeia contra os turcos. Nesta perspectiva se insere o nosso Carletti que usa os termos Europa e europeu; não encontrei, porém, o termo Itália, apenas italianos.
- 2 V. M. Godinho, *Mito e Mercadoria*, p. 106.
- 3 Quase numa função parasitária, Carletti, age segundo a conveniências: ora numa realidade portuguesa, ora numa realidade espanhola e, quando preso pelos holandeses, beneficia da sua essência política e económica neutra e da protecção da corte do grão-duque Ferdinando de Medici.
- 4 Ref. F. Braudel, *O Modelo Italiano*.
- 5 O espaço geográfico identificado com a ideia de Itália no século XVI permaneceu como centro cultural da Europa, apresentando-se como uma mistura de micro-mundos convergentes num único estilo plasticamente evidente e articulado. A Itália, geograficamente delimitada pelos Alpes, estava dividida em reinos com claras e diferentes influências culturais. Havia uma casa de Sabóia embebida de cultura francesa que tinha o seu centro em Turim. Outro reino era o lombardo, focalizado em Milão, ladeado a este pela República de Veneza no mar Adriático, e a oeste a República de Génova. Mais a sul, o grão-ducado da Toscana e os estados que hoje correspondem à moderna Emília-Romagna, fragmentados entre os ducados de Modena, Reggio e Parma. Outras cidades importantes eram Carrara e Lucca, até se chegar aos Estados Pontifícios, *caput mundi*, sede incontestada da Igreja Católica de Roma. Para concluir, o reino de Nápoles, ligado a Espanha, e o reino das duas Sicílias.
- 6 Ref. Fernand Braudel, *O Modelo Italiano*, p. 27.
- 7 Prospero Peragallo, falando de Filippo Sassetti e da sua viagem para Lisboa para estudar a organização e a movimentação dos tráfegos marinhos do século XVI, cita Carletti como compatriota juntamente com outros florentinos “Velluti, Raffaele Antoni, Andrea Migliorati, Giovanni Buondelmonti, Pietro e Lorenzo Strozzi, Giovanni Battista Vecchietti, Orazio Neretti, António Caletti” (*Cenni intorno*, p. 150).
- 8 Agradeço à Dra. Daniela Scialanga da Biblioteca Angelica, em Roma, a amabilidade demonstrada na resolução de toda a burocracia necessária para disponibilizar a imagem do manuscrito.
- 9 Leonardo Olschki, *Storia letteraria*, p. 7.
- 10 Ref. S. Greenblatt, *Possessões Maravilhosas*.
- 11 Dados derivados de outros relatos, cartas de contemporâneos e descrições avulsas.
- 12 “... a contá-lo não será acreditado e, porém é verdade; e suposto que estas minhas Relações não são outra coisa senão [sobre] aquelas coisas que fiz e vi, crer-se-me-á então que a coisa é verdadeira...”.
- 13 Por exemplo, quando fala do chá: “oferecido amigavelmente e por educação e hábito e para honrar o hóspede, assim como se usa nos países da Flandres e da Alemanha oferecer o vinho” (Primeira Relação do Segundo Discurso,); ou ainda “de fruta citrína como as laranjas, das quais há aquelas que se comem com toda a casca como os nossos limões, e a estas chamam *cunebes*” (*ibidem*); etc.
- 14 O mercador de Bolonha deve a própria fama ao *Itinerario de Ludovico de Varthema Bolognese enllo Egitto, nella Surria, nella Arabia Deserta e Felice, nella Persia, nella India e nella Etiopia. La fede, el vivere e costumi de tutte le prefate province*. A obra, originalmente publicada em 1510 e traduzida em várias línguas, foi introduzida por Giovanni Battista Ramusio, no primeiro volume de *Navigazioni e viaggi* (1550). Cf. G. B. Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, vol. I, p. 763.
- 15 F. Braudel, *O Modelo Italiano*, p. 21.
- 16 Demarcação de espaços marítimos de origem luso-castelhana, que não terminou com a assinatura do tratado em 1494; é um processo de longa duração, caracterizado por um conjunto de documentos anteriores e posteriores. Detalhes técnicos que não encontraram solução com a Junta de Badajoz (1524) nem com o Tratado de Saragoça (1529) nem com o projecto do anti-meridiano. Ref. *Ragionamenti*, Quarta Relação, Segundo Discurso (Índias Orientais), e Luís Adão da Fonseca & R. M. J. Asencio (coordenadores), *Corpus Documental del Tratado de Tordesilhas*, pp. 141-167.
- 17 Stefania Pineider, *In cosi immensa pellegrinatione*, p. 7.
- 18 “Causa-me muita tristeza e confusão na consciência, porque verdadeiramente, Sereníssimo Senhor, este pareceu-me sempre um tráfego desumano e indigno da profissão e da piedade cristã”.
- 19 Domenico Maria Manni (1690-1788), celebre polígrafo florentino, foi tipógrafo, linguista, antiquário, estudioso de técnica e escritor de história Toscana.
- 20 *Vita di Francesco Carletti*.
- 21 G. Sgrilli, “Francesco Carletti”, pp. 464-468.
- 22 Pietro Amat di S. Filippo, *Studi biografici e bibliografici*, vol. 1, pp. 362-366 e apêndice, pp. 733-734.
- 23 “E começando refiro, Sereníssimo Príncipe, que nos anos da nossa Redenção 1591, no dia 20 de Maio, tendo eu 18 anos de idade...”.
- 24 Depois do avô Antonio e do pai com o mesmo nome, como indicado na árvore genealógica.
- 25 “É muito provável que, retido pelo grão-duque, ele se tivesse tornado no seu principal conselheiro”, G. Sgrilli, *op. cit.*, p. 190. Sgrilli utiliza o termo ‘provável’ porque, segundo documentos oficiais, a 28 de Novembro de 1616, Alfonso Broccardi foi nomeado como *maestro di casa* pela grã-duquesa Cristina de Lorena, mulher do Ferdinando I (G. Sgrilli, *op. cit.*, p. 213). De facto, a situação de Francesco Carletti nunca foi oficializada (G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, pp. 211-215). Ferdinando I tinha um projecto de ir para as Índias Orientais com o objectivo de encontrar pedras preciosas para colocar na capela Medicea (Capela de S. Lourenço), desenhada pelo irmão Giovanni de Medici, além de claros planos de expansão.
- 26 G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, pp. 5-6.
- 27 “Quando l'onorato Mercante Jacopo Calieri nostro fece parola di Francesco Carletti palesando chi quello fosse a' leggitori de' suoi viaggi, poço, per mio

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

- avviso, dovea di lui essersi trovato, quantunque fosserao ancora in vita de Carletti i descendent. Peloché non dovrà fe non essere commendato il pensier, ch'io mi prendo, di rendere più durevole la memoria di questo benemerito Compatriotto, che il primo forse fu a portare a noi la bevanda della Cioccolata ...*" (Manni, *Vita di Francesco Carletti*, p. 231).
- 28 *Arte di Por Santa Maria*, guilda de mercadores fundada em 1218, que desempenhava muitas vezes a função de conselheiro.
- 29 O priorado de Santa Maria Novella (Lion Rosso). No século XIV, a divisão da cidade de Florença passou de *sestieri* para *quartieri*, como ainda se encontra hoje. Os *quartieri* tinham o nome da sua igreja principal e estavam subdivididos em quatro zonas, cada uma com o seu próprio símbolo. O quarteirão de Santa Maria Novella era representado pela cor vermelha e estava dividido em *Lion Bianco*, *Lion Rosso*, *Vipera*, *Unicorno*. O símbolo do *Lion Rosso* (Leão encarnado) era uma bandeira branca com um leão vermelho. No grão-ducado da Toscana eram elegíveis todas as pessoas com mais de 30 anos pertencentes às *Arti*, que não fossem devedores notórios, tivessem exercido um cargo recentemente ou fossem parentes ou ligados a alguém nessas condições. Os seus nomes eram colocados numa das 8 bolsas de couro que ficavam na sacristia da Igreja de Santa Cruz. Uma vez em cada 2 meses, eram sorteados 9 nomes para o governo, os "senhores" (*signoria*): oito *priori* e um *gonfalonieri* ou chefe da República. Tinham direito a trajas especiais e lindíssimos, a uma moradia no Palazzo, a um certo número de serviços de libré verde, a um salário ridículo, a um belo cavalo e à presença de um *buffone*.
- 30 Como confirma o necrológio, transcrito por Manni, *Vita di Francesco Carletti*, p. 240, "*fere octuagenarius obiit in Conventu Viterbiensi S. Mariae ad Grandus ex febre, e viscerum convulsione, circa Martii médium anni 1733*".
- 31 Que se encontram no *Registro delle età*, Quartiere di San Giovanni, Gonfalone Chiave (Arquivo di Stato di Firenze). Manni, *Vita di Francesco Carletti*, p. 240, confirma que no livro das Vestiduras de Santa Maria Novella se pode ler: *Fr. Joannes Joseph, in saeculo Puccius vocatus filius Domini Antonii de Carlettis Nobilis Florentinus accepit habitum Clericorum pró hoc nostro Conventu, die XXIV. Septembris 1657*.
- 32 Dados que nos faculta G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, p. 9, com base no estudo de Manni.
- 33 G. Sgrilli indica 1637, Manni, 1657. Muito provavelmente no texto de Manni há um erro de transcrição.
- 34 Segundo consta (ref. *Statuti Capitoli et Costituzioni dell'Ordine de' Cavalieri de Santo Stephano fondato et dotato da illustrissimo et eccellentissimo signor Cosimo Medici, Duca di Fioreza et Siena*, Tormentino, Firenze, 1562) a *Sacro Militare Ordine Marittimo dei cavalieri di Santo Stefano P. M.* (Sagrada Ordem Militar Marítima dos Cavaleiros de Santo Stefano) foi fundada pelo grão-duque da Toscana Cosimo I de Medici em 15 de Março de 1561 e aprovada pelo Pontífice Pio IV em 1 de Outubro de 1561 com o objectivo de proteger o Mediterrâneo contra as incursões dos infiéis e libertar os cristãos escravos dos turcos. Foram logo definidas como pátrias nobres sete cidades da Toscana (às quais foi adicionada um oitava): Florença, Siena, Pisa, Pistoia, Arezzo, Volterra, Cortona e Montepulciano. A Ordem foi extinta em 1809, no período napoleónico; restabelecida por Francesco III de Lorena em 1817 foi definitivamente dissolvida pelo governo provisório Ricasoli a 6 de Novembro de 1859. Para se entrar na Ordem era necessário ser-se natural duma cidade nobre, ter idade superior a 17 anos, ter uma conduta de vida de acordo com a Moral, ser de nobreza sem mácula, ser titular de cargos honoríficos e de antigas dignidades, ter património adequado, não ter dívidas ou graves hipotecas sobre os próprios bens.
- 35 Arquivo Stefaniano, *Parte III di Provanze di Nobiltá*, n.º 57 (G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, p. 10, nota 1). Na mesma nota, G. Sgrilli deixa-nos uma curiosidade, o brasão (*arme*) da família Carletti era constituído por três peixes em fundo azul.
- 36 Além de Antonio, G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, p. 10, deixa-nos um registo das tias de Carletti (júnior): uma Concórdia (casada com Giacomo Vivoli), de Selvaggia Capponi (?), e uma Maddalena, que a 27 de Maio de 1579 casou com Vincenzo di Giovanni di Salvi Borgherini, o que prova a origem nobre de Francesco, como descendente indirecto dos Borgherini. Estes dados podem ser confirmados no Arquivo Stefaniano. Borgherini, que transcrevem aquilo que hoje é conhecido como o Manuscrito Moreniano 47, que, dos quatro manuscritos disponíveis (Códice 1331, Manuscrito Moreniano 47, Manuscrito Ginori-Venturi, Manuscrito Malhabecciano), é considerado juntamente com o Códice 1331 (Biblioteca Angelica) um dos mais fiéis ao autógrafo.
- 37 *Arte da seda dos Antinori*, Archivio di Stato di Firenze, *Arte Por Santa Maria*, 30, libro vecchio delle casate, c. 53 v.
- 38 "*Si trova, che ne' 7. di Maggio del 1582. ei partí di Firenze per Ispagna, e Portogallo. Di poi si ha riscontro che egli aveva abbandonato Lisbona per fare a Firenze ne' 27. Dicembre, mentre di colà scrivendo Filippo Sassetti [...] così dice a Messer Baccio Valori: Questa ec. ho dato a messer Antonio Carletti, che sen'è venuto a costea volta sopra la Nave S. Antonio di Buoniaggio, perché la consegna a V. Signoria*", Manni, *Vita di Francesco Carletti*, pp. 33-234
- 39 Ferdinando I, príncipe mercador, como a maioria da sua família, apaixonado cultor de estudos orientais.
- 40 P. Jeannin, *Os Mercadores do Século XVI*, p. 86
- 41 *Razonamientos de mi viaje alrededor del mundo*, 1594-1606, ed. F. Perujo.
- 42 Pineider, "In cosi immensa pellegrinatione", p. 9, explica que a escassez de notícias bibliográficas relativas ao período sevilhano do Carletti filho provavelmente se deve ao facto de ele não ter sido realmente instruído e não se ter iniciado na real actividade de mercador, mas explorado como mão-de-obra.
- 43 Tendo investido um grande capital na viagem, não podia dar-se ao luxo de algo poder correr mal.
- 44 Manni, *Vita di Francesco Carletti*, pp. 234-235.
- 45 Como nos informa Sgrilli (*Francesco Carletti*, p. 18 nota 2; cfr. Archivio di Stato di Firenze, *Carteggio Universale Mediceo*, filza 5053-27 Julho 1604), Cesare Baroncini é um pisano estabelecido em Sevilha em 1604, que manteve um contínuo relacionamento com a corte grão-ducal de Florença.
- 46 Esta parte foi censurada por Magalotti, o primeiro revisor, pois achou que o tráfego de escravos era imoral. Uma desculpa aparente, pois quanto a Moral há muitos outros parágrafos dos *Ragionamenti* que poderiam ser eliminados. A real e única razão é que se queria censurar um tráfego monopolizado, neste caso, pelos espanhóis, alguns sacerdotes – como o bispo de Cabo Verde –, utilizando licenças régias vendidas pelos representantes da coroa de Castela.
- 47 De acordo com as *Leyes de los Reynos de las Indias*, mandadas imprimir por Carlos II em Madrid, não se podia viajar para as Índias Ocidentais sem licença do rei e da Casa de Contratación em Sevilha, embora "*los Factores de Mercaderes pueden passar com licencia de la Casa por três años*". Francesco teve que inventar um subterfúgio, fingindo ser um marinheiro espanhol, o que não deve ter sido muito difícil (G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, pp. 18-19).
- 48 "E primeiramente prouve a Deus levar para si Antonio Carletti, meu pai, que sofreu quatro meses contínuos do mal de pedra, que finalmente lhe roubou a vida no ano de 1598, aos 20 do mês de Julho, havendo antes recebido todos os Sacramentos da Igreja. Eu, pouco depois, fi-lo enterrar com honrosas exéquias na igreja do bispo daquela cidade, e havendo escolhido um lugar acima do meio da referida igreja, em frente ao altar-mor onde se lê o Evangelho; cobri reverentemente aquele lugar com uma longa e grande pedra em que fiz esculpir o seu nome, pátria, idade e morte, de maneira que lá fique aquela memória, enquanto o tempo a não delir". O Pe. Manuel Teixeira preparou uma tradução incompleta do Segunda Relação do II Discurso (*Macau Através dos Séculos*, pp.11-12). Porém, mais uma vez, não há provas. Tentei descobrir o que se entendia em 1598 por igreja episcopal, e é natural pensar-se que fosse a antiga igreja

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

- de Santa Maria, onde podiam ser enterrados os bispos e talvez não os mercadores. Segundo refere M. Teixeira, D. Leonardo de Sá foi bispo da China e Japão (de Macau) até 15 de Setembro de 1597. Houve depois uma certa confusão até 1606, quando foi nomeado D. Aleixo de Menezes. Antes deles, segundo M. Teixeira: “Depois da morte de D. Leonardo, governou a Diocese o P. Manuel de Aguiar e, logo a seguir, Frei Miguel dos Santos...” e “Fr. Miguel dos Santos, agostinho, fora expulso da Companhia de Jesus; foi nomeado Governador do Bispado de Macau pelo Arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, e governou até além de 1606 e cremos que até à chegada de D. João Pinto da Piedade a Macau, em 1608” (M. Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. II, p. 88). Segundo estes dados, podemos pensar que Antonio Carletti pode ter sido sepultado na igreja de Santo Agostinho, construída por Agostinhos espanhóis em 1586 e ocupada pelos portugueses três anos depois. A igreja actual data de 1814. Entre as pessoas sepultadas na igreja conta-se Maria de Moura, uma heroína romântica que em 1710 casou com o capitão António Albuquerque Coelho.
- 49 Peragallo, *Cenni Intorno*, pp. 149-50 Envolvido na história dos descobrimentos da Índia, aberto às actividades europeias comerciais, “*Laonde giovanni Buondelmonti, scrivendo, in data di Conchin 24 Dicembre 1583, a Francesco Valori, potea dirgli scherzando 'si dice che sono per tutto il mondo i fiorentini', avendone incontrato parecchi, sparsi no puré per l'Europa ma per l'India. – Egli va e viene da Lisbona a Goa. Nel 1598 Francesco Carletti s'imbattè in Lui nella città di Macao dove si era trasferito da Goa sopra una nave portoghese (in cui era Interessato), col proposito di inoltrarsi nel Giappone*”.
- 50 “*Ma Iddio mi soccorse quando meno lo pensai, e questo fu che doppo la morte di mio padre, non essendo ancora passato undeci giorni, compare quivi Orazio Neretti, fratello dell'eminantissimo avvocato messer Bernardino*” [fl.108v.] [Portém Deus socorreu-me quando eu não estava à espera, e o que aconteceu foi que depois da morte de meu pai, não sendo ainda passados onze dias, apareceu aqui Oratio Neretti, irmão do eminente advogado senhor Bernardino].
- 51 “Metrópole principal de todas aquelas partes do Oriente, que possuem os Portugueses”.
- 52 “acertei com o piloto desta nau, que já tinha passado o cabo de Boa Esperança 18 ou 20 vezes, dar-lhe mil xerafins, moeda de Goa que vale sete e meio *giulii*, com o pacto de ter que cobrir todas as despesas da viagem, até chegar a Lisboa, a mim e aos três servidores que trazia, um de nacionalidade japonesa, um da Coreia e o outro negro de Moçambique”.
- 53 Toda a literatura afirma que o assalto foi dissimulado como sendo de piratas. Sgrilli fala de *Zelanda, Middelburg, Sole* e duma outra embarcação, cujo nome é desconhecido. A ideia da nau ter sido assaltada por piratas nasce do facto de a frota em questão não ter sido armada pelo governo das Províncias Unidas, mas por particulares (G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, p. 154).
- 54 Conhecido pelos franceses por vezes como Le Roy, foi o mesmo que, em 1604, pediu a Henrique IV autorização para constituir a Companhia das Índias Orientais; em Junho do mesmo ano foi-lhe concedido o título de “capitão-geral da frota real das Índias Orientais”. O objectivo era receber autorização para construir ou comprar baixéis para as Províncias Unidas e recrutar marinheiros, dado que somente os flamengos eram considerados aptos para certos tipos de navegação.
- 55 Roberto Barchiesi, “L'Oriente catalogato”, pp. 163-182. Ver também Roberto Barchiesi, “Francesco Carletti”, pp. 169-177.
- 56 Melchior Estácio de Amaral, *Tratado das batalhas*.
- 57 S. Peloso, “Le avventure tragicomarittime”, pp. 69-87.
- 58 Os sobreviventes do “incidente de Santa Helena” foram reunidos no porão e deixados pelos zelandeses na ilha deserta de Fernão de Noronha, não longe da costa do Brasil, com pouca comida e um barco para poderem eventualmente chegar à costa.
- 59 “Eu teria feito mal, se a fortuna não me ajudasse em fazer-me reaver um dos vasos de porcelana cheio de peras confeccionados na China, [...] o qual fez o meu jogo, e com elas mantive também dois fidalgos de título, no dar uma por dia a cada um, por todo o tempo em que navegámos em direcção à ilha de Fernando de Noronha. Lá chegámos no Sábado Santo, que naquele ano foi dia de Páscoa e Ressurreição a 6 de Abril do mesmo ano de 1602”.
- 60 G. Sgrilli, *Francesco Carletti*, pp. 91-157.
- 61 Grande riqueza que se pensa poder ter sido vendida ao duque Ferdinando, que desde sempre demonstrou curiosidade dem conhecer as rotas comerciais, um interesse partilhado por muitos naquela altura.
- 62 *Atlas Sinicus sive regni Sinarum descriptio geographica in ipso Sinarum regno impressa, charta et characteribus sinicus*.
- 63 Giovanni Vander Neesen, agente secreto do grão-duque de Holanda, escreve “o coitadinho já está doente há um mês de terças” (Sgrilli, *Francesco Carletti*, p. 160).
- 64 “E finalmente, no dia de San Giovanni Gualberto, a 12 de Julho de 1606, em Florença, donde tinha saído no ano de 1591, assim como disse no início destas minhas Relações a V. A. S.: da qual foi introduzido aquele mesmo dia pelo dito Senhor Cavaleiro Vinta, seu primeiro secretario de Estado, a fazer-lhe reverência”.
- 65 Florença teve sempre uma certa estabilidade política e comercial, num ambiente “italiano” de pequenas tiranias e intrigas entre reinos que caracterizou esta época histórica. Um pólo cultural que expandiu gradual e progressivamente desde o século XIII as próprias ideias, os próprios artistas bem protegidos pelos mecenas, regido por um regime controlado por pequenos empresários, cujas transacções comerciais eram garantidas por uma moda forte e sólida como o florim, que garantiu uma prosperidade económica duradora ao grão-ducado da Toscana (fundado em 1282). A Florença de Dante (pai da língua italiana), de Petrarca e de Boccaccio chega a ser o palco no Renascimento, sob a influência dos Medici, para personagens como Michelangelo, Giotto, Botticelli, Leonardo da Vinci, Maquiavel, Copérnico, Galileu Galilei. Se, por um lado, houve aquele esplendor de *refinatezza* linguística caracterizada por estruturas fráscas caledioscópicas complicadíssimas, mas sem nenhum significado intrínseco, porque preocupadas com a forma, por outro prevaleceu uma linha racional que permitiu a um Galileu impor o próprio estilo científico, caracterizado pelo uso deliberado duma língua vulgar toscana.
- 66 Como sublinha S. Pineider, “In cosi immensa pellegrinatione”, p. 159.
- 67 “Quanto ao almíscar, não é verdade que se faça como muitos têm descrito; eu trazia a pele inteira de todo o animal a V. A., com a vesícula, que não é senão o mesmo umbigo do animal que lhe sai fora debaixo do corpo, cheio daquela matéria odorífera. É quase do tamanho e forma duma das nossas pequenas raposas, e tinha a sua vesícula cheia de almíscar, que a natureza lá infunde pouco a pouco”. O que é muito interessante é que Carletti acrescenta logo a seguir que os chineses aprenderam a falsificar o almíscar, misturando-o com outras substâncias, e duma bexiga fazem três ou quatro.
- 68 “Nestas ilhas poder-se-ia passar a vida felizmente e com pouquíssima despesa, e quem aqui é senhor de mil escudos está melhor do que estaria um com dez mil nestes países. E se naquela terra fossem cultivados olivais como na nossa, dos quais os padres Jesuítas introduziram alguns, e fizeram bem; e se o mesmo fizessem com a videira, que têm somente por deleite nos alpendres, seria muito mais abundante”.
- 69 “*E insieme ho anco fatto mentione d'ogni altra particolarità sovvenutami alla memoria già invecchiata nel trapasso di tanti anni e nello abisso e confusione di tante cose viste e fatte da me, che una confonde l'altra. Ora forse in questo secondo discorso, dove la memoria sarà più fresca, m'andero meglio ricordando di tuto quello feci, veddi, m'accadde e osservai nelli viaggi fatti per via dell'India orientale insino all'essere ritornato in Europa...*” [fl. 70] [E juntamente fiz menção de todos os demais detalhes que me tinham vindo à memória já envelhecida pelo passar de tantos anos, e no abismo e confusão de tantas coisas vistas e feitas

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

- por mim, que confundo umas com as outras. Agora, se calhar neste segundo discurso onde a memória estará mais fresca, irei relembrando melhor o que fiz, vi, me aconteceu e observei nas viagens na Índia Oriental até ter voltado à Europa...].
- 70 Descrito no Colóquio XXV de Garcia da Orta: “Ruano: Do gariofilo falemos; pois he pera essas parte donde vem a galanga. Orta: Esqueçeoos de falarmos nelle na letra c; porque o bom latim he *cariofilo*, e o máo latim he *gariofilo*, segundo podeis ver em estes modernos que escreve...”, Garcia da Orta, *Colóquios*, pp. 358-384; e provavelmente entre estes “modernos” encontrar-se-ia o nosso Carletti, que chama ao cravo *garofano* (ainda hoje é vulgarmente conhecido por *chiodo di garofano*).
- 71 Ternate, Tidore, Motir, Maquien, Bachão.
- 72 “se cultiva abundantemente a planta que a produz [a pimenta], junto a uma árvore sobre a qual se vão agarrando as plantas, como fazem as ervilhas, embora estes cresçam muito mais e com menos folhas, muito semelhantes aos nossos feijões, porém mais redondas, formando os grãos da pimenta pegados ao tronco, como grainhas de uva pequena, com uma ordem de duas fileiras de grãosinhos, os quais são sempre verdes até ficarem bem maduros, o que acontece no mês de Janeiro, quando ficam pretos, se bem que haja outro tipo que fica sempre branco, e este é muito estimado por estes Indianos. Quer sejam de uma, quer de outra classe, enquanto ainda verdes, temperam-se com vinagre e sal, comendo-se como nós comemos as alcaparras, para abrir o apetite, e ainda fazem um efeito admirável de confortar e aquecer o estômago”.
- 73 Ceilão.
- 74 “... quantidade infinita de telas de algodão branca e de cor, com as quais hoje se veste em geral a maior parte do povo mais baixo, e ainda não passaram 400 anos desde que a semente do algodão foi trazido da Índia...”.
- 75 “Assim ainda da ilha de Banda [...] vem a noz-moscada e o macis, que nascem só aqui de uma árvore que produz esta noz, recoberta por uma casca dura como as nossas nozes, porém muito mais espessa e de forma mais redonda”. O macis (*Mystica fragrans*) é a fibra vermelha clara brilhante que envolve a semente da noz-moscada dentro do fruto da moscadeira. Esta membrana, quando seca, torna-se duma cor amarela acastanhada, fica estaladiça, e tem um sabor e utilização diferentes da noz-moscada. No Colóquio XXXII escreve Garcia da Orta: “E aveis de saber que, quando esta noz he madura, vaise inchando, e rompe a primeira casca como fazem os ouriços das castanhas nossas, e fica a maça muyto vermelha, parecendo como gram fina...”, *Colóquios*, vol. 2, p. 82.
- 76 Amplamente descrito no Colóquio II de Garcia da Orta, *Colóquios*, vol. 1, pp. 23-45.
- 77 “Da mesma forma navegam até o reino do Siam e a Patane, na costa leste ao lado de Malaca, e ainda até ao Camboja, donde trazem certa madeira como aquela que se chama ‘verzino’, e que eles chamam ‘suó’ e os portugueses ‘sapon’, que serve para tingir...”. “Sapon” deriva do malaio sáfang, vulgarmente conhecido como pau-brasil, madeira de onde se extrai uma tinta. Patane é um antigo reino da península malaia.
- 78 “Todos os mercadores e passageiros que vinham na nau baixaram a terra, e eu com os demais, para nos confortarmos com boas galinhas e frangos, que nesta terra são de excelente sabor; e também há boa e variada fruta, entre a qual se encontra o durião que é produzido por uma árvore muito grande, fruto muito estimado nesta terra e muito celebrado nas demais onde se encontra. O qual me pareceu no início, como acontece a todos a primeira vez que se come, de odor desagradável e muito semelhante às cebolas, e eu não gostei e me pareceu uma coisa engraçada ter ouvido antes e ouvir agora tanto recomendar pelos demais que estavam habituados a comê-lo; além de que à vista, por ter a casca rugosa, com certas protuberâncias que parecem pinhas, só que picam, não deleita muito tocá-lo, nem tão pouco vê-lo. Aquilo que tem dentro é uma substância líquida e de cor branca, porém muito mais delicada
- ao gosto, para aqueles que já se habituaram ao cheiro, ao qual sendo-me eu também habituado, comi e gostei muito, e confirmei o que os outros dizem, que não se pode provar coisa mais simples e natural do que esta fruta, que [ao contrário] parece tão composta e artificial, ao sentir diferentes sabores e odores ao mesmo tempo, assim como me pareceu ao mesmo tempo diferente e agradável”.
- 79 “Aqueles que aqui nomeiam ananás, chamadas pelos castelhanos nas Índias Ocidentais ‘pignas’, fruto grande como uma pinha daquela forma, que é produzido por uma planta como a da alcachofra, de folhas encrespadas, duras e muito verdes, e cheias de espinhos. Fruto ao qual, tirando-lhe cuidadosamente a casca, que é, à semelhança das folhas, grosseira e pungente (além de ser tenra e facilmente cortada com uma faca), aquilo que resta se corta em fatias ou rodela de través, e é de sabor agridoce muito delicado; e para que a sua calidez não prejudique, antes passam-na por água fresca, espalhando logo por cima um pouco de sal, e desse modo as comem com muito gosto e menos dano, posto que comendo-as doutra forma costumam causar febres malignas e fluxos de sangue, por ser aquele sumo muito irritante e corrosivo, de tal maneira que muitas vezes vê-se a experiência em cima das facas com as quais se cortam as ditas frutas, que deixadas sem néctar se encontram logo comidas pela ferrugem”.
- 80 “Encontra-se nesta terra um fruto próprio do país, que eles chamam ‘giambos’, embora hoje se encontrem também em Goa, o qual se pode dizer que é uma brincadeira da natureza, que quis imitar e representar como deveria ser a pele duma mulher. É este fruto de cor purpúrea, mesclado com branco leitoso, e duma casca muito brilhante e tão delicada que mais não se pode desejar; tem o tamanho das nossa beringelas e um odor semelhante às rosas, tal que, comendo-o sem sequer mondá-lo, aquele sumo parece ser temperado com água de rosas, do que recebe deleite o paladar, que está acompanhado por um agridoce que nunca cansa e não chega a enjoar, mesmo passando o dia todo a comê-lo. E ao tocá-lo é também muito agradável, porque não se pode tocar coisa mais delicada e mais suave, e ao vê-lo não há rosto branco e vermelho mesclado que maior deleite dê à vista e que mais se assemelhe à pele do rosto duma bela mulher, mais lisa que natural, assim como são a maioria do nosso tempo [fala de mulheres com caras pintadas, como era moda no século XVI], de forma que enquanto se saboreia o fruto, tirando-lhe a semente que há dentro dele, se deleitam os quattros sentidos ao mesmo tempo”. Manuel Godinho de Erédia, bem como Garcia da Orta, acham que o fruto é melhor para a vista do que para o paladar. Alias, Erédia deixa-nos várias gravuras que representam esta planta com fruto e flor.
- 81 Garcia da Orta, *Colóquios*, vol. 1, p. 69.
- 82 “Existe uma árvore não muito robusta e não muito grande, porém frágil, semelhante ao sabugo, quanto à cor do seu caule, porém com uma flor muito diferente, semelhante à do jasmim em forma e cheiro, com excepção daquele pouco de pedúnculo que entra na planta, que é de cor amarela e serve em lugar do açafão para dar cor aos pratos. Esta flor de dia fica sempre fechada e cerrada sobre si própria, quase não se vendo; porém, ao anoitecer começa a desabrochar e antes que saia o Sol de manhã cedo se encontram todas caídas no solo, e por isso lhe puseram este nome de flor triste...”.
- 83 “... *Diverse sorte d'alberi, ma solo vi dirò d'uno, che stava sopra la piazza della chiesa de' Gesuiti in Amacao: a questo in una mattina gli veddi cadere tutta la foglia, et in quello istante islargava la nuova, che avanti cascasse la vecchia era già grande, atortigliata in modo et luogo che non si vedeva, sí che in un tratto apparve tenera et fresca che pareva nata et germogliata in quel medesimo giorno che s'allargano tutte a un'otta* [fl. 132v.]”; [Crescem] lá várias espécies de árvores, porém aqui quero falar apenas duma, que se via no adro da igreja dos Jesuítas em Macau: a esta numa manhã vi cair todas as folhas e naquele instante desabrochavam as novas, que antes que caducassem as velhas eram já grandes, enroscadas de maneira e lugar que não se via, de modo que de repente apareceu a árvore tenra e fresca com folhas nascidas e germinadas naquele mesmo dia, que se largam todas ao mesmo tempo].

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

84 “[O chá] é produzido por uma planta que nasce quase como aquela do buxo, porém tem as folhas três vezes maiores e todo o ano se mantém verde: e faz uma flor odorífera na forma de rosas de damasco [uma pequena rosa branca muito perfumada]; com as folhas fazem pó, que depois misturado com água quente, que [eles] mantêm continuamente ao fogo para este efeito numa caldeirinha de ferro, bebem diariamente, mais como se fosse um medicamento que por gosto. Tem um sabor amargo, embora lave depois a boca; a quem a utiliza parece boa e saborosa, e faz um bom efeito de alívio aos

fracos de estômago pela sua calidez, ajudando maravilhosamente a digestão, e é especialmente ótima para levar e impedir os vapores e fumos que ascendem à cabeça, e por isso o seu uso é beberem logo após terem comido, quando se sentem carregados demais de vinho, e ao tomá-lo depois do jantar tira o sono. Por fim, é tanto o hábito de beber deste *cià*, que não se entra nunca numa casa que não seja oferecido amigavelmente, e por educação e hábito e para honrar o hóspede, assim como se usa nos países de Flandres e de Alemanha oferecer o vinho.”

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

- Código 1331 (T.3.22), Biblioteca Angelica, Roma. Consta de 214 páginas numeradas e parece ser o mais próximo da versão original. É a base da última edição italiana.
- Ginire-Venturi. Obra sobre a qual se efectuou a revisão da Academia da Crusca para a 1.ª edição de 1701. Este manuscrito pertence actualmente ao Marquês de Ginori-Venturi.
- Moreniano 47, Biblioteca Ricardiana de Florença. Tem 345 páginas numeradas à mão. Nas primeiras páginas temos acesso a algumas notas bibliográficas sobre Carletti.
- Maglibechiano–Classe XIII, n. 8. Disponível na Biblioteca Nacional de Florença, consta de 436 páginas numeradas.

Fontes impressas

- Amaral, Melchior Estácio do, *Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago com os holandeses na ilha de Santa Helena*, Lisboa: António Álvares, 1604.
- Amat di S. Filippo, Pietro, “Biografia dei viaggiatori italiani com la bibliografia delle loro opere”. In *Studi biografici e bibliografici sulla storia della geografia in Italia*. Roma: s.e., 1882.
- Barchesi, Roberto, “Francesco Carletti, Nota all’História Trágico-Marittima”. *Estudos Italianos em Portugal* (Lisboa), n.º. 14-15, 1956.
- Barchesi, Roberto, “L’Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento”. *Quaderni Portoghesi* (Pisa), vol. 4, 1978, pp. 163-182.
- Boxer, Charles R., *O Império Marítimo Português 1415-1825*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- Braudel, Fernand, *O Modelo Italiano*. Lisboa: Teorema, 1994.
- Carletti, Francesco, *Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo*, ed. Paolo Collo. Turim: Einaudi, 1989.
- Carletti, Francesco, *Ragionamenti di Francesco Carletti fiorentino sopra le cose da lui vedute ne’ suoi viaggi, sì dell’Indie Occidentali, e Orientali come d’altri paesi*, ed. L. Magalotti. Florença: Stamperia di Giuseppe Manni, 1701.
- Carletti, Francesco, *Razonamientos de mi viaje alrededor del mundo, 1594-1606*, ed. F. Perujo. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1976.
- Chabod, F., *Storia dell’idea d’Europa*. Bari-Roma: Laterza, 1993.

- Erédia, Manuel Godinho de, *Suma de Árvores e Plantas da Índia Intra Ganges*, ed. J. G. Everaert, J. E. Mendes Ferrão & M. Cândida Liberato. Lisboa: CNCDP, 2001.
- Fonseca, Luís Adão da & Asencio, R. M. J. (coord.), *Corpus Documental del Tratado de Tordesillas*. Lisboa: CNCDP, 1995.
- Godinho, Vitorino Magalhães, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel, 1990.
- Greenblatt, Stephen, *Possessões Maravilhosas: O Deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- Jeannin, Pierre, *Os Mercadores do Século XVI*. Porto: Vertente, 1986.
- Manni, Domenico Maria, *Vita di Francesco Carletti viaggiatore fiorentino, scritta dal signor D.M.M. Accademico Catenato*, “Raccolta di opuscoli scientifici e filologici dell’abate Calogera”, v. 50 (1754).
- Olschki, Leonardo, *Storia letteraria delle scoperte geografiche*. Florença: Leo Olschki Editore, 1937.
- Orta, Garcia de, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* (1563), ed. Conde de Ficalho. 2 vols. Lisboa: IN-CM, 1987.
- Peloso, Silvano, “Le avventure tragicomarittime di un onesto negriero in giro per il mondo: i Portoghesi di Francesco Carletti”. *Quaderni Portoghesi* (Pisa), n.º 5, 1979, pp. 69-87.
- Peregallo, Prospero, *Cenni Intorno alla Colonia Italiana in Portogallo nei Secoli XIV, XV e XVI*. Génova: s.e., 1904.
- Pineider, Stefania, *‘In cosi immensa pellegrinatione’. La scrittura del viaggio nei ‘Ragionamenti’ di Francesco Carletti*. Roma: Vecchierelli Editore, 2004.
- Ramusio, Giovanni Battista, *Navigazioni e viaggi*, ed. Marica Milanese. 6 vols. Turim: Einaudi, 1978-1983.
- Sgrilli, G., “Francesco Carletti. Notizie Biografiche. Bibliografia”. *Bollettino della R. Società Geografica Italiana* (Roma), vol. VI, n.º. 1-10, 1941, pp. 464-68.
- Sgrilli, G., *Francesco Carletti mercante e viaggiatore fiorentino 1573-1636*. Rocca San Casciano, 1905.
- Teixeira, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. II. Macau: Imprensa Nacional, 1940.
- Teixeira, Manuel, *Macau Através dos Séculos*. Macau: Imprensa Nacional. 1977.